

PANDEMIA E SINTOMA SOCIAL: UM DIÁLOGO POSSÍVEL

Carol Godoi Hampariam¹

Alessandro Caldeira Cavalari²

Resumo:

A pandemia da Covid-19, enfrentada pela população brasileira, impôs mudanças nas relações sociais e a necessidade de uma ressignificação do enfrentamento da morte. No entanto, todo esse enfrentamento deixou sequelas sociais, físicas e, principalmente, emocionais. Nesse sentido, o presente trabalho teve como objetivo investigar o significado social da pandemia. Para tanto, a metodologia utilizada foi a revisão bibliográfica exploratória, buscando o olhar social sobre o fenômeno pandêmico. Assim, reiterou-se a ideia de que a pandemia afetou, de maneira particular, as pessoas, mas também houve uma forma coletiva de adoecimento psíquico. O sofrimento experienciado ao viver o conflito de um Eu dividido entre a vida e a morte e a impotência diante de um não-saber fizeram que o coletivo adoecesse de forma sincrônica, resultando, por exemplo, no aumento significativo dos diagnósticos de ansiedade e depressão, além dos casos de violência doméstica, divórcio e consumo de álcool e outras substâncias psicoativas. Conclui-se, portanto, que a forma coletiva de enfrentamento da pandemia pode ser traduzida como um sintoma social, pois o sintoma, para a psicanálise, é produzido pelo sujeito para se proteger das angústias e dos próprios desejos. Com isso, os adoecimentos coletivos representaram uma forma de enfrentar a pandemia, sem acessar, de fato, os afetos e os desejos de uma sociedade, escondendo os vestígios traumáticos sociais.

Palavras-chave: pandemia; sintoma social; psicanálise.

Abstract:

The Covid-19 pandemic faced by the Brazilian population imposes changes in social relations and the need for a new meaning in facing death. However, all this confrontation left social, physical and consequences. mainly emotional. In this sense, the present work aimed to investigate the social meaning of the pandemic. To this end, a methodology used was an exploratory bibliographic review, seeking a social perspective on the pandemic phenomenon. Thus, the idea that the pandemic affected each person in a particular way was reiterated, but. Also, there was a collective form of psychological illness. The suffering experienced when experiencing the conflict of a Self divided between life and death and the impotence in the face of a lack of knowledge caused the collective to become ill synchronously, resulting, for example, in a significant increase in diagnoses of anxiety and depression, in addition to cases of domestic violence, tendencies and consumption of alcohol and other psychoactive substances. It is concluded, therefore, that the collective way of coping with the pandemic can be translated as a social symptom, as the symptom, for psychoanalysis, is produced by the subject to protect themselves from anguish and their own desires. As a result, collective illnesses represented a way of facing the pandemic, without actually accessing the affections and desires of a society, hiding the traumatic social traces.

¹ Centro Universitário de Votuporanga (Unifev). Votuporanga, São Paulo, Brasil. Doutora em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica – PUC SP. Contato: carolgh3@yahoo.com.br

² Centro Universitário de Votuporanga (Unifev). Votuporanga, São Paulo, Brasil. Graduando do curso de Psicologia da Fundação Educacional de Votuporanga – Unifev.

Keywords: pandemic; social symptom; psychoanalysis.

INTRODUÇÃO: A PANDEMIA E SEU SIGNIFICADO

Durante o período da pandemia da Covid-19, a população mundial experienciou um turbilhão de situações pessoais e sociais, vindo a ser essa experiência o maior laboratório subjetivo da humanidade (Homem, 2020).

Ficam enigmas de como as pessoas atravessaram a angústia, nesse momento, e vale interrogar se a construção de uma ideia pautada na esperança de um “novo normal”, conceito que entrou em uso rapidamente com o início da pandemia, pode ter sido uma forma de atravessar a angústia ou uma forma de negação da realidade vigente.

Questionamentos que tomaram conta do meio acadêmico e científico em diversas áreas do conhecimento, como medicina, psicologia, filosofia e sociologia, inclusive a religião, estiveram presentes com sua parcela de contribuição para a construção do “novo normal”. Assim, o que até então era visto apenas nos livros de história, em passados distantes, foi vivenciado pela geração atual.

Sabe-se que cada ser humano irá enfrentar uma situação da sua vida de modo particular, mas considera-se que a pandemia foi um fenômeno social, e que, apesar de ter afetado cada um de um modo diferente, também foi experienciada pelas sociedades de forma grupal. A construção da ideia de um “novo normal”, por exemplo, denota uma tentativa de enfrentamento coletivo da pandemia.

Ao pensar que em pouco tempo havia notícias de um medicamento milagroso para a cura, um tanto quanto mágico, a hiper convivência de famílias que se viram trancadas em casa, novos laços sociais sendo criados (ou mesmo atualizados), instalou-se um paradoxo com um quê de curioso, pois a aproximação “forçada” dos vínculos e o maior tempo de convivência entre as pessoas resultou em um aumento exponencial dos divórcios, por exemplo, ou mesmo, pais estranharam os comportamentos dos filhos e tiveram que se readaptar à nova rotina. Essas, entre tantas outras situações colocam em questionamento se as pessoas estavam dispostas a encarar a subjetividade do outro de um modo tão próximo. Ou mesmo reconhecer uma falha na possível ideia de completude.

Nesse sentido, o presente artigo debruça-se sobre o modo como a pandemia foi enfrentada pelo grupo chamado sociedade brasileira. Sem desconsiderar a importância do

individual, o olhar se lança sobre o enfrentamento grupal do fenômeno mundial. Para tanto, a metodologia utilizada foi a revisão bibliográfica exploratória, buscando o olhar social sobre o fenômeno pandêmico.

1 A PANDEMIA PARA OUTRAS ÁREAS

O laboratório subjetivo chamou a atenção de diversas áreas, com o intuito de produzir saberes e interpretações do que foi apelidado de “novo normal”. Dentre as diferentes correntes de pensamento, especialmente a filosofia, a psicologia, a sociologia e até mesmo a religião, o medo da morte e a realidade da sua inevitabilidade é um consenso.

Nesse sentido, vale pensar que o medo em si é organizador das sociedades contemporâneas, em especial frente àquilo que foge do controle do homem.

A sociologia distingue a formação dos povos do oriente e do ocidente pela forma como se organizam e lidam com o inesperado, sendo este último provocado também pelo temor das pestes, que estão presentes nos livros de história, conforme mencionado anteriormente.

Assim, Mikolci (2020) pondera que, culturalmente, diante de catástrofes, é implantada no coletivo uma percepção derivada da mentalidade cristã, a ideia de salvação da alma mais que a do corpo, podendo ser vista, por exemplo, nas mobilizações de ajuda a outras pessoas em situações de dificuldade.

Com isso, o ser humano, ao se deparar com um perigo iminente, que se materializou na morte de pessoas próximas ou conhecidas, foi impulsionado a estabelecer relações em agrupamentos institucionais ou por afinidades, como uma estrutura social.

A Covid-19 colocou em xeque os ideais capitalistas, não fazendo distinção de mecanismos de controle, classes econômicas ou questões raciais, mas, da mesma forma, escancarou a falta de políticas frente à pobreza, a xenofobia e questões assistenciais. Curiosamente, a história se repetiu com o uso de dispositivos de controle e biossegurança medievais, como a quarentena.

Para a filosofia, a pandemia obrigou as pessoas a reconhecer que a morte existe – e talvez isso assuste mais do que qualquer outra coisa –, despertando o sujeito a olhar para a finitude e assumir a falta de controle diante do evento. Nesse campo do conhecimento, o significativo “pandemia” engloba a percepção dos fatos relacionados, sensações experimentadas e saberes tomados como verdade, sendo comparada com as sombras no fundo da caverna de

Platão, podendo-se, desse modo, entender a pandemia como uma aparição transitória e seus efeitos como um eterno retorno delas.

Assim, notou-se que a angústia produzida pelo fenômeno pandêmico foi decorrendo da falsa sensação de liberdade entre os *quarentenados*, devido à vivência da contradição de sentir medo atrelado à esperança de não ser uma vítima na pandemia (Costa, 2021).

Já o existencialista Jasper (1973 *apud* Anhaia e Marques, 2021) propõe o *muro jasperiano*, base do seu modo de pensar, em que o ser humano estaria fadado a um destino único, vindo a ser o fracasso; formulação que se articula com a pandemia como um confronto de sofrimentos e incertezas.

Desde tempos remotos, o homem recorreu ao sobrenatural para explicar os fenômenos e se amparar diante do desconhecido e/ou da sua falta. No evento pandêmico, não foi diferente e, aos poucos, as explicações divinas surgiram. Como apresentado anteriormente, na análise sociológica, a visão cristã ocidental dos fatos move o imaginário coletivo acerca da possível salvação e da ideia de ajuda; e as instituições religiosas se mobilizaram em ações paliativas pautadas na caridade.

No texto *O mal-estar na civilização*, de 1930, Freud busca, na sociedade, mecanismos para suportar o mal-estar, sendo eles as drogas, os remédios, a arte e, ainda, a religião. Na sua reflexão, a religião seria uma fuga perfeita, com a promessa das pessoas se manterem vigiadas, e somente ela teria o conhecimento “exato” sobre as questões da finalidade da vida.

A perspectiva religiosa abordada aqui não se propõe a esmiuçar a particularidade de cada religião, mas, sim, entender como as diferentes formas de crença têm um efeito sobre os religiosos, sendo que, por exemplo, muitos depositaram na pandemia da Covid-19 a esperança de um arrebatamento, validação divina e até mesmo de um castigo.

Assim, percebe-se que, independentemente da corrente de pensamento, há sempre uma forma de buscar entender e explicar um fenômeno social, e a diversidade de olhares possibilita que cada sujeito se aproprie do pensamento que, no seu entendimento, faça mais sentido.

1.1 A pandemia para a psicanálise

Muitas áreas do conhecimento contribuíram para o entendimento da pandemia em uma perspectiva, tanto social quanto subjetiva. A ansiedade e angústia tomaram conta das massas, que foram atravessadas pela incerteza de um amanhã. Com isso, as pessoas foram confrontadas

pelo desamparo, que, até então, era negado com a concepção ilusória de controle sobre os eventos.

Com os efeitos dessa inquietação, emergiram aos montantes as *fake news*, curas milagrosas, remédios com promessas imediatistas, como a famosa pílula para piolho. E, depois de tanto tempo com medo e incertezas, ao brilhar um método cientificamente comprovado para o vírus, houve um aumento um tanto quanto curioso no movimento antivacina.

Nesse ponto, vale questionar: teria a negação tomado conta da população?

Algo curioso e talvez esperado, com o aumento das notícias falsas e promessas milagrosas, a vacina também carregava em si uma promessa, porém, dessa vez, havia uma comprovação científica. Faz-se importante, nesse aspecto, a reflexão sobre as formas que a população utilizou para apaziguar a angústia que a atravessava, como as práticas baseadas em evidências, garantindo, mesmo que minimamente, uma certeza.

Pondera-se, portanto, que o medo e a angústia vigente que atravessaram a população, e principalmente o medo de “cair em pandemia”, ou seja, de ser levado pela correnteza, fez eclodir, durante a vigência de uma epidemia, a máxima de que os mais vulneráveis são aqueles que têm medo de adoecer (Freud, 1890).

Com o aumento das mortes, os números anunciados pelos jornais se tornaram rostos conhecidos e, com isso, observou-se que o mecanismo da identificação começou a prevalecer. Afinal, ver um rosto conhecido funcionava como um espelho, instaurando a probabilidade de também acontecer o mesmo com a pessoa em reflexo.

A identificação ocorre devido à internalização dos aspectos de um outro, tornando-se parecido com ele. Na massa, a identificação dos desejos e, sobretudo, os impulsos de autopreservação prevaleceram e, através desse efeito, os afetos de cada indivíduo puderam ser intensificados de forma imensurável (Freud, 1980).

Em *Psicologia das massas e análise do eu* (1921), Freud cunhou o termo identificação histórica, modalidade de identificação que está intimamente ligada aos pares. Ele afirma que, no processo de identificação dos afetos interrelacionados entre um e outro, há a “extração” do sintoma do outro para si – assim como no caso clássico de um pensionato, citado por Quinet (2000), onde uma jovem recebe uma carta de término de seu até então namorado e tem um ataque histérico, e, pouco tempo depois, outras jovens também sofreram sintomas parecidos, pela via da identificação histórica, a partir de um desejo inconsciente comum a elas, de ter alguém que lhes mandasse cartas. Assim, notou-se que a população, de modo geral, se uniu em

grupos com o intuito de se preservar, pois havia ali um desejo em comum que pulsava, e caso um membro do grupo adoecesse, o medo se instaurava.

Analisando o comportamento das massas, Freud indica que se faz necessário voltar a atenção para a reação alterada dos indivíduos, que é guiada pelos impulsos inconscientes, reerguendo-se desde questões mais nobres às mais primitivas. A união das pessoas fortalece o sentimento de pertencimento, o que as torna totalmente influenciáveis.

Foram citadas anteriormente as *fake news* referentes ao remédio de piolho para a cura da Covid-19, fato apresentado em um estudo da Fiocruz, que apontou a emergente questão já em março de 2020, pouco tempo depois do alerta mundial sobre o estado de pandemia. Enquanto massa, os sujeitos fazem valer um único desejo em comum, sobressaem-se os instintos de preservação do grupo e, pela via da identificação, isso se fortalece. O coletivo se inclina para os extremos, como pode ser observado quando alguns se recolheram ao primeiro sinal de pânico, enquanto outros não se importaram com as normas de distanciamento, e formaram um movimento contra o que estava sendo repercutido como o “novo normal” e o “fique em casa”.

A partir das ideias relacionadas ao comportamento das massas, Freud alerta sobre a influência que os discursos dominantes podem exercer sobre os cidadãos, afirmando que “Quem quiser influir sobre ela, não necessita medir logicamente os argumentos; deve pintar com as imagens mais fortes, exagerar e sempre repetir a mesma coisa” (Freud, 1921/2021, p. 27).

Por meio da citação freudiana, percebe-se algumas ligações com o que foi vivenciado pela geração atual, tendo algumas ideias cativantes e outras respostas simplistas para um problema complexo, que tomaram força e forma por atender de maneira única e contrapor o medo instaurado. Com isso, entende-se que, nos grupos, as palavras carregam uma força análoga à magia dos contos de fadas, pois o que é dito passa a ser repetido pelos membros do grupo e a palavra, então, adquire uma dimensão de verdade absoluta, podendo atormentar ou apaziguar.

Para Freud (1921), o líder de uma massa assume como um substituto da figura paterna, explicando a devoção sem questionamentos, mesmo quando se é necessário, devido ao poder sustentado em razão da sua figura, como exemplificado em *Totem e tabu*, de 1913, quanto ao tabu das palavras e o sentido mágico atribuído a elas. Há pessoas que sentem desconforto até os dias atuais em ouvir palavras que remetam aos tempos do ápice da pandemia, com um sentido

de poder atribuído ao significante, sendo que este deve ser sobreposto por uma força anímica, afastando o mal-estar como perspectiva para que aquele período não aconteça novamente.

A ideia, neste tópico, não é inclinar-se para um dos lados, mas fazer valer a reflexão. A figura paterna operou em todos os movimentos de acordo com os líderes das massas, que, por devoção e autopreservação, se tornaram um rebanho dócil (Freud, 1921). Por meio desse raciocínio, seria a Organização Mundial da Saúde (OMS) um pai equivalente aos que comandavam os movimentos negacionistas?

Mas se pode pensar que este último não seria tão dócil quanto o primeiro e destaca-se, nesse ponto, que a mansidão se referencia no líder e o círculo fechado do qual ele faz parte, não ao coletivo estranho aos seus ideais.

Quando os números de mortos se tornaram rostos conhecidos, se fez valer outro mecanismo de massa, que é a afetividade do grupo, através da via transferencial, permitindo que os indivíduos se conectem em um contágio de sentimentos, revivendo e atualizando afetos e papéis experienciados na infância, caindo-se em uma massa por influência sugestiva, induzindo afetos que mantiveram o sentimento de pertencimento.

2 SINTOMA PARA A PSICANÁLISE

*Meu corpo inventou a dor
a fim de torná-la interna,
integrante do meu Id,
ofuscadora da luz
que aí tentava espalhar-se.*
(Carlos Drummond de Andrade, 2015)

Ao falar de sintoma em psicanálise, refere-se ao corpo, que, antes de ser biológico, é atravessado pela linguagem e território pulsional, diferente do dicionário, o corpo é dual e inventado (Souza, 2021), necessita do olhar do outro para se constituir.

A psicanálise se instituiu com o estudo dos sintomas históricos – pessoas que paralisavam, relatavam surdez e delírios sem nenhuma explicação orgânica. Com sua teoria pulsional, Freud (1917 *apud* Dias, 2006) propõe que tais manifestações mostram-se como um fracasso da libido frente às exigências do Isso (instância psíquica, depósito das pulsões e desejos) e os impedimentos do Eu e do Supereu. Assim, desse confronto, surgem os sintomas neuróticos como expressão de uma realização pulsional, derivadas de um conflito entre o Eu e o Isso (Freud, 1912).

Um ponto a ser reforçado é que a libido regride a fases anteriores do desenvolvimento, nas quais antes havia se fixado (fases autoeróticas), irrompendo na consciência e trazendo satisfação. Em suma, o sintoma consiste nesse retorno do recaiado, diferenciando-se do sintoma na medicina, em que o objetivo da ação médica é medicalizar e aplacá-lo, enquanto, na psicanálise, o sintoma tem algo a falar, representando uma verdade do sujeito do inconsciente.

Assim, entendendo o corpo como dimensão pulsional – pulsão enquanto dimensão freudiana de uma energia que se encontra entre o psíquico e o somático (Freud, 1905) –, permite-se a manifestação do sintoma, que não se curva ao saber médico e carrega algo a mais, que transpassa a lógica cartesiana, atravessando o inconsciente enquanto metáfora manifesta, há algo expresso nele que resiste para a ciência, uma vez que não está desvinculado da pulsão e do inconsciente.

Segundo Quinet (2000), o sintoma é a maneira de gozo do neurótico. No estudo do inconsciente, Freud conclui que há algo em comum entre os sintomas, chistes e atos falhos. Ambos são maneiras em que, por meio da libido, o inconsciente se manifesta, há conteúdos latentes de domínio inconsciente e conteúdos manifestos, após a elaboração dos mecanismos de defesa do ego.

Os sintomas da histérica obedeciam a outra lógica, a outras leis. O corpo da histérica obedecia não a determinações orgânicas e sim determinações simbólicas. Seus sintomas eram metáforas escritas no corpo, correspondiam a expressões linguísticas, eram expressões de fantasias e desejos inconscientes (Souza, 2021, p.157).

O sintoma se constitui como um arranjo que o sujeito – aqui, sujeito do inconsciente – conseguiu realizar para contornar aquilo que ele não consegue dizer de outra forma. Pela economia psíquica, a via substituta desse conflito vem a ser o sintoma neurótico, insatisfeito e paradoxal por essência, de um lado há a satisfação e descarga do gozo no corpo, ao mesmo tempo em que os efeitos no corpo caminham lado a lado com um quê de sofrimento do sujeito.

O sintoma freudiano se caracteriza pela modalidade de gozo do neurótico, entretanto, volta-se para a individualidade do sujeito. Em Lacan, o sintoma atinge novas perspectivas, ele é responsável por inserir o sujeito no discurso e na linguagem, que de certa maneira o insere no laço social. Após os anos de 1950, em seu ensino, Lacan propõe os três registros do psiquismo – Real, Simbólico e Imaginário (Vanier, 2002) – em um modelo topográfico do nó borromeano, sendo um tipo de nó em que se acaso um dos nós é desfeito, toda a trama se desfaz.

Dos três registros, o Real faz alusão àquilo da ordem do não-dito, do traumático em sua essência, e é tematizado por Lacan como uma articulação entre o simbólico e o imaginário, um aparelho comandado e sustentado pela fantasia, no centro do qual habita o desejo (Souza, 2023).

Em outras palavras, o real é o impossível por excelência. Enquanto tem-se de um lado aquilo que não serve à linguagem, por outro, o Simbólico representa aquilo que é possível para o ser falante, tem a ver com a palavra, o espaço e o silêncio, é a castração simbólica do complexo de Édipo que insere o sujeito na linguagem e o humaniza, e a palavra que o antecede é também a palavra que o marca. E, por último, tem-se o Imaginário, lugar onde o Eu nascente do estágio do espelho se assinala, criando uma armadura alienante que se constituirá como a identidade do sujeito. Esse último registro é o depositório da percepção de mundo, é o lugar onde nasce o Eu, o imaginário tem como referência central o corpo, a forma e a consistência do corpo próprio (Souza, 2023).

Nesse sentido, pode-se pensar que a pandemia foi vivenciada pelo grupo social como um atravessamento do Real, tendo em vista que o que era indizível da dor e do sofrimento oriundos da pandemia fez produzir um sintoma social?

2.1 Sintoma social

O sintoma como modalidade de gozo do neurótico volta-se para a individualidade do sujeito, da sua forma de lidar com a realidade e seus impulsos internos, na qual tal formação do inconsciente vem para aplacar e afastar do Eu e não ter contato com seus próprios desejos, ou mesmo questões que até então estavam recalçadas.

Ao se tratar de sintoma social, a lógica é a mesma de um sintoma individual, porém, como o individual, se manifesta no coletivo, nas massas, frente às exigências de um Outro – se lê como “grande Outro” –, como uma instância que permeia o psiquismo e molda a existência humana, que pela primeira vez foi composto pela figura materna, segundo Kehl (2015, p. 25): “[...] o Outro não está em lugar algum; ele é a própria condição que move o sujeito em suas empreitadas [...]”. e “Na via do particular ao coletivo, uma das manifestações do sujeito do inconsciente diz respeito aos restos não simbolizados da ordem social, restos estes excluídos do campo dos fenômenos que a língua é capaz de decifrar” (Kehl, 2015, p. 26).

O inconsciente, como discurso do Outro, transpassa questões que antes não foram simbolizadas, e cada sociedade lida à sua maneira e produz seus sintomas. A linguagem, em sua impotência, não consegue e não se ocupa em dar conta de tudo, há sempre algo que escapa

– o Real. Seguindo essa falha na simbolização, o sintoma social é um retorno desse Real traumático e impossível por excelência no campo social e em seus efeitos nas massas, conversões e somatizações, como forma de afastar o Eu – pelo princípio do prazer –, de enfrentar condições desprazerosas e/ou traumáticas.

O sintoma social vem a marcar o que particulariza cada sociedade. Pode se tomar como exemplo a sociedade francesa em seu momento de pós-revolução ou as marcas transgeracionais de um país que teve cerca de 350 anos de escravidão como o Brasil. Também os efeitos da virada do século e a população sendo bombardeada de informações, tecnologias e relações sendo remodeladas. Não é curioso aqui o aumento de diagnósticos de Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) – numa sociedade confrontada com novos modelos de se relacionar e existir, que pressupõem também novas formas de prender a atenção e sua produtividade, num contexto de avanço das redes sociais e imperativos de felicidade de um ideal a ser seguido – e o fato de o século da revolução tecnológica também ser o século marcado pela depressão e pela ansiedade.

Tais sintomas citados são dignos de reflexão quando pensados os arranjos sociais que cada época impõe, como os sujeitos se adequam e se organizam aos discursos do Outro.

3 UM EU TRANSITÓRIO

Com a publicação de *O eu e o id*, em 1923, Freud traz um conceito de suma importância para o decorrer da psicanálise, sendo a obra intitulada como segunda tópica, introduzindo os conceitos de id, ego e superego como instâncias organizadoras da libido e do psiquismo.

Sendo o ego uma instância ligada à consciência e reguladora da percepção dos acontecimentos internos e externos, funciona, portanto, como “[...] uma organização coerente dos processos anímicos na pessoa, e denominado o Eu da pessoa. A este Eu liga-se a consciência, sendo que ele domina os acessos à motilidade, ou seja: a descarga das excitações no mundo externo” (Freud, 1923, p. 15). Ligado à realidade e como instância que permeia e media a realidade, também, além do corpo, recebe as descargas internas e externas e marcadas no psiquismo como boas ou não, seguindo o princípio do prazer.

A população mundial viveu, em certa medida, um real traumático com a pandemia da Covid-19, apresentado anteriormente em relação às experiências que atravessaram a sociedade.

Ao pensar a noção de trauma sob a luz da psicanálise, vale recorrer a um recorte do poema “Autotomia”, de Wislawa Szymborska:

Em perigo, a holotúria se divide em duas:
com uma metade se entrega à voracidade do mundo,
com a outra foge.
Desintegra-se violentamente em ruína e salvação,
em multa e prêmio, no que foi e no que será.
No meio do corpo da holotúria se abre um abismo
com duas margens subitamente estranhas [...] (1996).

É sobre o abismo que a escritora fala, que usa como metáfora para o Eu em transição do pré ao pós-pandemia, o sujeito dividido entre as margens do abismo – real traumático –, não conseguindo simbolizar a quantidade de percepções que são recebidas, apenas sentindo o mal-estar indizível. É importante ressaltar, aqui, que a falta de simbolização (mecanismo que permite de certa forma “digerir” os estímulos e transformá-los em um saber) corroborou o aumento de síndromes e sintomas psicológicos, os quais são listados aos montes no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-V). Talvez o “novo normal” que a população tanto esperou seja carregado por esse “saber não saber”.

Para contornar esse “abismo”, muitos recorreram às artes, a religião, aos vícios e adições, uma parte entregue à voracidade do tempo e outra reclusa como instinto de autopreservação. O corpo deslocado do tempo sentiu e somatizou aquilo que não foi possível ser simbolizado.

Nesse sentido, é válido recuperar a formulação de Sándor Ferenczi, um psicanalista húngaro da primeira geração de psicanalistas, que voltou sua atenção e estudos para os eventos traumáticos. Na concepção do fruto bicado, Ferenczi (1933) desenvolve a ideia de um Eu que sabe – como a parte da holotúria que, ao se dividir, foge para se salvar –, e de um Eu que sente, frente ao evento traumático, instância que sofre uma clivagem e parte dela é afastada, enquanto a outra amadurece frente às necessidades do ambiente. Ambas não se comunicam, no abismo da comunicação no qual a linguagem não consegue penetrar, e formam-se os sintomas como uma maneira de expressar uma verdade a ser dita.

O afastamento da personalidade regredida frente às exigências do meio externo é causado pela cena traumática, no choque ou pavor, há uma clivagem da personalidade (Ferenczi, 1933). Tal acontecimento por excelência não produz recalçamento, uma vez que não há simbolização efetiva do acontecido, e o Eu, por sua vez, para dar conta da realidade, se divide. Ferenczi (1933) aponta que o sujeito que vivenciou tal acontecimento é formado por uma personalidade composta por Isso e Supereu – uma parte que sente e outra que sabe.

Pensa-se, aqui, na sociedade ao se deparar com um perigo iminente, para o qual ainda não havia recursos e comprovações eficazes, somente sendo como um receptáculo de informações aos montantes. Um cenário com crianças em casa, *home office* obrigatório para alguns, alimentos começando a ficar escassos nas prateleiras dos supermercados, desemprego aumentando e rostos conhecidos se tornando números de óbitos. Informações como essas foram recebidas, em certa medida, e vivenciadas como um choque para o circuito normal das pessoas, que até então seguiam suas vidas como de costume. Não é de se surpreender que exista um certo sentimento de nostalgia em relação ao período pré-pandemia, pois os sujeitos tiveram que, na medida do possível (e talvez do impossível), se adequar aos novos moldes de se relacionar.

Há uma fenda onde a simbolização e a linguagem foram foracluídas desse período e o trauma, por excelência, produz um tipo de amnésia psíquica, exatamente pelo fato de a personalidade estar cindida e parte dela, esquecida à força.

Mas e quando o Eu não consegue dar conta das exigências externas?

Após receber em seu consultório soldados do pós-guerra, Freud (1920) percebeu que eles viviam uma repetição dos acontecimentos traumáticos, sofriam de recordações, tinham pesadelos com o que vivenciaram. Em 1920, ele publica o texto *Além do princípio do prazer*, cunhando pela primeira vez o termo Pulsão de Morte – um movimento do psiquismo como retorno ao inorgânico –, responsável pela repetição e uma posição masoquista do sujeito, uma vez que não se repete apenas o que é prazeroso. Assim como as neuroses de guerra analisadas por Freud, as “neuroses da Covid-19” caminham pela sociedade no psiquismo do sujeito, que, de alguma forma, nos dias atuais, ainda segue os moldes de relacionamento e reação da época pandêmica.

“Pensa-se nos frutos que ficam maduros e saborosos depressa demais, quando o bico de um pássaro os fere, e na maturidade apressada de um fruto bichado” (Ferenczi, 1933, p. 104). É para a metáfora do fruto bicado que converge o pensamento do Eu transitório, sendo que, para alguns, a pandemia provocou efeitos e marcas efêmeras e superficiais, enquanto, para outros, os efeitos e as marcas persistem.

Dessa forma, entende-se que a população como um todo foi atravessada pelo evento pandêmico, uns com marcas mais profundas e outros menos, mas todos foram marcados pelo abismo de um hiato entre um Eu que ficou para trás e um outro Eu que correu para viver e suportar a realidade posta pós-pandemia.

CONCLUSÃO

A pandemia da Covid-19 atravessou cada ser humano de maneira singular, evocando sentimentos que poderiam, até então, estar adormecidos, como a angústia e o medo, e impondo, até mesmo, o enfrentamento de um luto coletivo pelos semelhantes. Dessa forma, esse coletivo se agrupou, visando enfrentar o fenômeno pandêmico, em um movimento de autopreservação e de identificação, afinal, a sensação de universalidade do ocorrido apaziguava as angústias e os medos.

Com outras palavras, a perspectiva de que havia um grupo de pessoas que pensava, vivenciava e sentia algo semelhante possibilitava que o mal-estar do evento pandêmico, que antes fora mencionado em passados distantes, como nos livros de história, fosse metaforizado e, conseqüentemente, enfrentado de forma coletiva e não apenas particularizada.

Dessa maneira, o enfrentamento coletivo da pandemia evidenciou o desenvolvimento do sintoma social, visto que, em psicanálise, o sintoma é um modo do sujeito não se haver com os próprios desejos e afetos, até então inconscientes. Nesse prisma, o sintoma social é uma maneira que o individual repercute na massa, para não ter acesso aos conteúdos reprimidos.

Nesse sentido, o sintoma social seria uma forma de não entrar em contato com a realidade pandêmica, negando, assim, o mergulho nos afetos e pensamentos mais inusitados. No entanto, esse mecanismo da negação, ao falhar, faz eclodir o inevitável e, com isso, vivencia-se uma frustração. Esta pode ser entendida, de certa maneira, como traumática, pois rompe com as fantasias de onipotência e de controle da realidade, colocando em debate a própria impotência da condição humana.

A pandemia, então, como sintoma social, é o resultado da falta de simbolização do evento, visto que, com o tempo, as crenças e as certezas de ordem social, as quais eram responsáveis pela aparente organização, se esgotaram. Em razão disso, eclodiu o não-dito e o não-saber e, assim, aquilo que falha à linguagem pode ser inventado, criado, brincado e, dessa forma, metaforizado para aplacar a angústia. A expressão “novo normal”, vinda de maneira reativa às mudanças sociais, sem a mínima certeza do futuro, cumpriu uma função de auxiliar, cada um à sua maneira, a criar, a se adaptar, a (re)significar os afetos e pensamentos reprimidos.

Os tempos pandêmicos e pós-pandêmicos são tempos da urgência, a rapidez da sociedade neoliberal nos moldes capitalistas conduz, de certa forma, o sujeito a se adequar rápido para solucionar rápido, uma estrutura perversa que não permite a tradução daquilo que é atravessado pelo psiquismo e que, tocando na carne, não há tempo para sentir. Em resposta a

essa urgência, pode-se pensar que os diagnósticos em massa de depressão, ansiedade, TOC, manias de limpeza e até mesmo o aumento dos diagnósticos de autismo são significantes que traduziram ao coletivo o que é difícil de dizer e de sentir, condensando aquilo que não se prestava à palavra.

As relações se tornaram distantes até mesmo em afetos, foram ressignificadas, a própria subjetividade também se serviu desse mesmo molde de fazer sofrimento e de contorná-lo, cada qual ao seu próprio mundo particular, reclusos em si. Vale a reflexão sobre o aumento dos diagnósticos de Transtorno do Espectro Autista (TEA) – ou sua maior visibilidade – pela própria estrutura relacional do pós-pandemia em um modo autístico de relacionamento entre as pessoas, configurando-se, de certa maneira, distante. Há uma reinvenção na maneira de lidarmos com o outro.

Hoje, o termo “pandemia” carrega em si algo a não ser lembrado, por sua própria essência traumática, pois o excesso de diagnósticos traduz o sofrimento coletivo e as novas formas de produzir subjetividade.

O tempo de quarentena e a promessa de que tudo voltasse ao normal fez que o gozo do coletivo ficasse recluso e, por não haver a apropriação deste *a posteriori*, foi instaurada essa repetição sintomática na tentativa de elaboração daquilo que foi perdido – real e simbolicamente – ou mesmo nunca acessado, e os sintomas sociais como um eterno retorno dele.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, C. D. de. **Corpo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

ANHAIA, C. H. B; MARQUES, R. M. A teoria existencialista a partir das contribuições de Jaspers. **Faculdade Sant’Ana**, novembro 2021

COSTA, I. A. Para uma investigação filosófica em tempos de pandemia. **Filosofia e Educação**, v. 13, n. 2, p. 2480-2497, 2021. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rfe/article/view/8661590>. Acesso em: 20 set. 2023.

DIAS, M. G. L. Villela. O sintoma: de Freud a Lacan. **Psicologia em Estudo**, v.11, n. 2, p. 399-405, maio 2006.

FERENCZI, S. Confusão de língua entre os adultos e a criança. *In*: FERENCZI, Sándor. **Obras completas – Psicanálise IV**. Tradução Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FREUD, S. Tratamento psíquico. *In*: FREUD, Sigmund. **Fundamentos da clínica psicanalítica**. Tradução Claudia Dornbusch. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. *In*: FREUD, Sigmund. **Três ensaios da teoria da sexualidade**, análise fragmentária de uma histeria (“O caso Dora”) e outros textos. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

FREUD, S. Psicologia das massas e análise do eu. *In*: FREUD, Sigmund. **Psicologia das massas e análise do eu e outros textos**. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

HOMEM, M. **Lupa da alma**: quarentena – revelação. São Paulo: Todavia, 2020.

KEHL, M R. **O tempo e o cão**: a atualidade das depressões. São Paulo: Boitempo, 2015.

MISKOLCI, R. O medo da pandemia como questão sociológica. **Sociologia & Antropologia**, v. 2, p. 163-168, 2021. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/sant/a/DZyxxZZjSfCXZJF5vRgZwFJ/?lang=pt>. Acesso em: 20 set. 2023.

QUINET, A. **A descoberta do inconsciente**: do desejo ao sintoma. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

SENKIV, C. C. C; GONDIM, D. O pensar, o sentir e o fazer de Freud ontem, na pandemia de hoje. **Cadernos de psicologias**, Curitiba, n. 1, 2020. Disponível em:
<https://cadernosdepsicologias.crppr.org.br/o-pensar-o-sentir-e-o-fazer-de-freud-ontem-na-pandemia-de-hoje>. Acesso em: 20 set. 2023.

SOUZA, N. S. O corpo em psicanálise. *In*: SOUZA, Neusa S. **Tornar-se negro**. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

SOUZA, N. S. **A psicose**: um estudo lacaniano. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

VANIER, A. O sintoma social. **Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica**, v. 5, n. 2, p. 205-217, jul. 2002. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/agora/a/4Yjp3rzy9vWd3KCLpSY3dDN/>. Acesso em: 20 set. 2023.

SZYMBORSKA, W. Autotomia. Tradução coletiva. **Revista Inimigo Rumor**, n. 10. Rio de Janeiro: Editora 7Letras, 1996.